

Metropolização e as estruturas produtivas: convergências e divergências espaço-temporais

Metropolises and productive structures:
spatial-temporal convergences and divergences

Luiz César de Queiroz Ribeiro
Marcelo Gomes Ribeiro

Resumo

A interpretação da configuração territorial das atividades econômicas está geralmente associada às mudanças estruturais ocorridas no país, principalmente a partir dos anos 70. Até essa década, as metrópoles ganharam importância por terem sido responsáveis por grande parcela da riqueza produzida e dos empregos gerados no país. Inversão dessa tendência verificou-se nos anos 70 em diante. E, na atualidade, parece haver tendências de novas mudanças da geografia econômica (metropolitana e não metropolitana). Por esse motivo, este trabalho procura se inserir nesse debate ao discutir possíveis tendências territoriais da economia a partir das principais metrópoles brasileiras, tendo como base a conformação histórico-econômica da rede urbana brasileira. Espera-se, portanto, compreender a estrutura da organização econômica dos espaços metropolitanos.

Palavras-chave: metrópole; atividade econômica; reconfiguração territorial.

Abstract

The economic activity territorial configuration interpretation in Brazil is generally associated with structural changes in the country, mainly since the 70s. Until that decade, cities had gained importance because they were responsible for a large portion of the wealth produced and of the employment generated in the country. This trend started being reversed during the 70s. Nowadays there seems to be changing trends in the new economic geography (metropolitan and non-metropolitan). For this reason, this paper intends to join this debate by discussing possible territorial economic trends in the main Brazilian metropolises, based on the economical history of the Brazilian urban network. It therefore aims at the understanding of metropolitan areas economic organization structure.

Keywords: metropolis; economic activity; territorial reconfiguration.

Introdução

A ocorrência da desconcentração econômica das metrópoles brasileiras tem sido tema de debate recorrente na contemporaneidade, mesmo se tratando de um fenômeno colocado em curso no país há cerca de 30 anos ou mais. Há, porém, algumas interpretações que têm refletido sobre uma possível reconcentração econômica, decorrente, sobretudo, de mudanças no padrão de produção que tem reconfigurado as atividades econômicas no âmbito das metrópoles. Nesse sentido, o presente trabalho pretende colaborar neste debate a partir de dados empíricos das atividades econômicas das metrópoles brasileiras e, com isso, levantar hipóteses para o processo em curso no território nacional.

Na década de 1990, foi intenso o debate que procurou caracterizar o processo de desconcentração econômica que tinha na Área Metropolitana de São Paulo seu “polo” mais expressivo, que havia se constituído, principalmente até 1970. Esse processo de desconcentração apresentou duas fases distintas, segundo Wilson Cano:

Entre 1970 e 1985, período em que consolidamos a implantação de nossa matriz industrial e, por isso, a acumulação exigia esforço periférico de articulação ainda mais intenso, usamos ainda mais nossa base de recursos naturais – água, terra, minérios – e, com isso, a periferia mais bem dotada de recursos foi mais acionada. (1998, p. 311)

Entre 1985 e 1995, quando convivemos, primeiro, com a “crise da dívida”, e agora, também com políticas neoliberais, o crescimento econômico de São Paulo (e do

Brasil) tornou-se, na média, medíocre e, com isso, o arrefecimento da dinâmica de acumulação inibiu também o crescimento periférico. Isso causou uma inflexão no processo de desconcentração econômica que, em muitos casos, apresentou resultados mais “estatísticos” do que efetivos. (Ibid., p. 312)

Em face do processo de desconcentração econômica, autores como Diniz (1993) e Diniz e Crocco (1996) já apontavam que seu espraiamento industrial não se deu para todo o território nacional. Numa primeira fase, ocorreu para o interior do estado de São Paulo e para quase todos os estados brasileiros. Nesse caso, o tipo de indústria que se deslocava era aquela vinculadas à expansão da fronteira agrícola e mineral, que requeria volumosos recursos naturais, como foi o caso do Centro-Oeste do país, ou era aquela que procurava diminuir seus custos produtivos, principalmente os de mão de obra, como se verificou nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e nos estados da região Nordeste.

Na segunda fase, ocorreu um processo de reconcentração econômica no polígono que se estende de Belo Horizonte, passando por Uberlândia (Triângulo Mineiro), Londrina/Maringá, Porto Alegre, Florianópolis, São José dos Campos e Belo Horizonte. A característica principal das indústrias que se implantam nesse polígono são as de alta tecnologia. Ou seja, nesse período estaria havendo um processo de desconcentração da Área Metropolitana de São Paulo em favor do interior do estado de São Paulo ou dos estados mais próximos. Nesse sentido, Diniz procura analisar os fatores que, conjugados, poderiam contribuir para essa dinâmica. Segundo ele, podemos considerar:

- a) deseconomias de aglomeração na Área Metropolitana de São Paulo e sua criação em outros centros urbanos ou regiões;
- b) o papel do Estado, seja através de políticas regionais explícitas, seja pela consequência de outras decisões de importância;
- c) disponibilidade diferenciada de recursos naturais;
- d) unificações do mercado e mudanças de estrutura produtiva;
- e) concentração da pesquisa e da renda. (1993, p. 39)

Em período mais recente, o mesmo autor, ao analisar o desempenho econômico das nove regiões metropolitanas tradicionais, tem demonstrado a perda de participação na produção industrial, no período de 1980 a 2005, à exceção de Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte, que, apesar de algumas oscilações, têm conseguido assegurar ou mesmo ampliar sua participação no conjunto da economia brasileira (Diniz e Diniz, 2007).

Assim, por decorrência do processo de reestruturação produtiva, colocado em curso no país desde a década de 1980, mas, sobretudo, a partir dos anos 90, tem ocorrido uma reespecialização econômica que estaria configurando uma Cidade-Região que teria como centro irradiador a Região Metropolitana de São Paulo, mais especificamente o município de São Paulo, e integraria as regiões paulistas de Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos.

Nesse contexto histórico-econômico, fica a indagação do papel que têm cumprido as metrópoles brasileiras na estrutura econômica do país, haja vista que elas tiveram importância decisiva para o desempenho da economia do país, seja no período de intensa concentração industrial, que se fazia principalmente em São

Paulo e Rio de Janeiro, seja em momento posterior, dado o processo de desconcentração econômica. Uma nova configuração espacial-econômica estaria se estabelecendo, para além dos centros metropolitanos do país? É na tentativa de levantar hipóteses a essas questões, que se coloca este trabalho.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução e da conclusão. Na primeira, procura-se demonstrar as aglomerações urbanas com funções metropolitanas existentes na contemporaneidade. Na segunda, apresenta-se o peso da estrutura econômica das metrópoles brasileiras no conjunto da economia do país. Na terceira, procura-se apreender a relação existente entre as metrópoles. Por fim, procura-se elaborar uma tipologia econômica das metrópoles, tentando demonstrar suas diferenças.

As aglomerações urbanas brasileiras com funções metropolitanas

As primeiras regiões metropolitanas do país foram institucionalizadas na década de 1970 pela União. Em 1973, criaram-se as de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém. Em 1974, depois da fusão do estado do Rio de Janeiro e do estado da Guanabara, foi criada a região metropolitana do Rio de Janeiro, constituindo-se um total de nove metrópoles (Davidovich, 2004).

Novas regiões metropolitanas só vieram a se constituir com amparo jurídico depois da Constituição Federal de 1988, que atribuía aos estados e, não mais à União, a competência

para sua institucionalização. Desse período em diante, os critérios para criação das regiões metropolitanas foram vários, atendendo, sobretudo, interesses políticos. Mas muitas metrópoles que foram institucionalizadas corresponderam às mudanças ocorridas na rede urbana brasileira provocada pelo crescimento populacional em vários contextos, que culminou no surgimento de diversas aglomerações urbanas.

As metrópoles consideradas neste trabalho são as aglomerações urbanas com funções metropolitanas definidas pelo estudo elaborado pelo Observatório das Metrópoles intitulado "Identificação dos Espaços Metropolitanos e Construção de Tipologias", que corresponde ao total de 15 metrópoles, que são: Belém, Belo Horizonte, Brasília¹, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória. Essa definição está baseada no grau de integração entre os municípios de várias aglomerações urbanas existentes no país e reconhecidas pelo IBGE (Observatório, 2005).

Estrutura econômica das metrópoles brasileiras *vis-à-vis* a economia nacional

Os dados econômicos utilizados para análise das metrópoles brasileiras são provenientes do Cadastro CEMPRE do IBGE, que agrupa informações de várias pesquisas setoriais segundo as atividades econômicas, distribuídas por número de empresas, pessoal ocupado e massa salarial. Estes dados foram trabalhados segundo os ramos de atividade econômica decorrente

do agrupamento realizado pelo Observatório das Metrópoles, a partir de tabulação especial pedida ao IBGE (Ferraz, 1996).

Nesta tabulação especial procurou-se organizar as atividades econômicas, compreendendo aquelas capazes de serem realizadas no espaço urbano, sobretudo no espaço metropolitano, em quatro grandes setores: indústria, serviços, construção civil e comércio. Cada um desses setores foi desagregado em sub-setores ou ramos de atividade, na tentativa de obtenção dos aspectos diferenciadores interno a cada setor e, ao mesmo tempo, pela formação de uma composição que expressasse a natureza de sua atividade e a posição nos encadeamentos dos processos econômicos (produção, distribuição, etc.).

A partir da classificação das atividades econômicas, realizou-se a análise da condição das metrópoles no contexto nacional, mas é preciso reconhecer que a produção de indicadores econômicos para a escala metropolitana sempre envolve determinadas dificuldades que tornam a análise para esse contexto comprometida em função dos dados organizados nessa dimensão. Por esse motivo, neste trabalho, considerar-se-á a massa salarial, classificada pelos ramos de atividade econômica, como *proxy* da estrutura econômica das metrópoles, embora se reconheçam os seus limites. Inclusive, uma das dificuldades envolvidas refere-se à dimensionalidade dessa variável, pois não é capaz de apreender nem a estrutura, nem a dinâmica da economia informal. Mesmo assim, optou-se pela utilização dessa variável por ser uma das componentes da renda nacional e ser a variável de maior composição, expressando de algum modo as condições econômicas da sociedade.

Pode-se observar que a participação econômica das metrópoles no contexto nacional foi reduzida ao longo do período de 1996 a 2004, de acordo com os dados da Tabela 1, pois passou de 67,2%, naquele ano, para 62,7%, neste. Essa redução foi conduzida por todos os setores de atividade, principalmente quando se verifica o setor industrial, à exceção do setor de serviços. Com esses dados gerais poderíamos chegar à conclusão de que as metrópoles estão passando por um processo de desconcentração econômica, mas é preciso tomar certa cautela para não sermos conduzidos a interpretações “afoitas” nesse processo.

O debate da desconcentração econômica está baseado, significativamente, no processo de desconcentração das atividades industriais. Quando se verificam os dados do setor industrial, percebe-se também uma redução na participação desse setor na economia do país em pouco mais de 5% no período de 1996 a 2004. Porém, embora se verifique que as atividades industriais de bens tradicionais e de bens duráveis tenham decrescido, as atividades difusoras de progresso técnico apresentaram considerável crescimento. Essa constatação é relevante, na medida em que se trabalha com a hipótese de estar ocorrendo nas metrópoles uma mudança no padrão de produção industrial. Se for esse o fato, a redução da massa salarial pode ser um fenômeno que ocorre *pari passu* ao crescimento do produto nesse setor, sendo resultado das mudanças tecnológicas do processo produtivo.

Corroborando com essa constatação o comportamento exercido pelo setor de serviços; pois, embora algumas atividades tenham sofrido redução, aquelas vinculadas à prestação de

serviços às empresas registraram aumento. Isso pode sugerir uma interpretação da mudança na organização da estrutura econômica das metrópoles levada a cabo, sobretudo, pelas transformações no processo produtivo e de trabalho que foram muito mais efetivas nos setores industriais e, portanto, nas metrópoles onde esse setor produtivo tendeu a se concentrar. E isso, por sua vez, teria provocado a migração de atividades antes inseridas nas indústrias para o setor de serviços, devido a sua natureza.

A participação das metrópoles referente ao setor de construção civil também sofreu redução, embora de menor magnitude que aquela registrada no setor industrial. Mas quando se verifica a atividade “Obras de infraestrutura p/ energia elétrica e p/ telecomunicações”, observa-se significativo crescimento, pois passou de 49,6%, em 1996, para 67,4%, em 2004, embora tenha atingido a marca de 72,9%, em 2000; ou seja, cresceu em oito anos quase 20 pontos percentuais. Isso quer dizer que as atividades ligadas às novas tecnologias, que têm a ver com as transformações estruturais ocorridas desde os anos 80, têm nas metrópoles o lócus principal de seu desenvolvimento.

O setor comércio, que também faz parte do setor de serviços, está separado e desagregado em seis atividades. Este foi o setor que teve a maior queda na participação das metrópoles na economia nacional, em mais de 6 pontos percentuais. Mas esse setor de atividades econômicas tem a característica de existir em todo o território nacional e, portanto, não aparece como atividade diferenciadora da estrutura econômica. O seu comportamento não ajuda a explicar a dinâmica da economia e, principalmente, as tendências existentes.

Tabela 1 – Brasil: participação econômica¹ das metrópoles² segundo o setor de atividade

Setor de atividade econômica	Ano		
	1996	2000	2004
<i>Indústria</i>	61,5	59,4	55,2
Duráveis	73,0	68,5	62,9
Tradicional	63,9	60,1	57,1
Progresso técnico	69,0	67,3	70,9
Commodities	45,9	47,1	41,9
<i>Serviços</i>	75,7	76,7	75,3
Limpeza urbana e esgoto	81,3	75,1	71,9
Financeiros, aluguéis e agrícolas	85,9	84,6	73,4
Transporte e distribuição	70,1	68,8	66,7
Prestados às empresas	78,5	82,0	82,2
Prestados às famílias	74,8	72,6	70,0
<i>Construção civil</i>	73,0	69,6	69,2
Aluguel de equipamentos de construção e demolição com operários	79,7	28,3	68,4
Obras de acabamento	75,5	78,2	78,0
Obras de infraestrutura para energia elétrica e para telecomunicações	49,6	72,9	67,4
Obras de instalações	80,6	80,3	79,8
Preparação do terreno	75,4	63,5	64,9
Construção de edifícios e obras de engenharia civil	73,6	67,0	67,8
<i>Comércio</i>	64,4	60,5	57,9
Comércio atacado	68,1	67,5	66,5
Comércio varejo	64,3	59,2	55,3
Comércio transporte	60,2	58,4	55,2
Comércio combustível	51,4	43,6	42,5
Representantes	81,4	76,5	78,3
Outros	73,6	64,3	67,3
Total	67,2	66,0	62,7

(¹) Refere-se à massa salarial.

(²) São as aglomerações urbanas com funções metropolitanas: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Fonte: Organizado pelo Observatório das Metrópoles. IBGE, cadastro Cempre.

Nesse sentido, ao concentrar o esforço numa análise mais apurada da evolução da participação das atividades econômicas industriais, de serviços e as voltadas à construção civil, observa-se que está havendo mudanças no padrão produtivo das metrópoles brasileiras, que faz com que determinadas atividades tenham

reduzido sua participação em detrimento do aumento de outras, sobretudo aquelas que exigem maior desenvolvimento tecnológico. Assim, as metrópoles brasileiras continuam sendo os espaços da realização de grande parte das atividades econômicas do país e, por isso, possuem forte tendência em reafirmar sua centralidade.

Estrutura econômica intermetropolitana

Em face da importância que têm ocupado as metrópoles brasileiras na economia do país, é mister compreender a relação entre elas, analisada comparativamente. Para tanto, a tabela 2 apresenta a participação de cada uma das metrópoles no conjunto e a variação relativa no período de 1996 a 2004. Neste último aspecto, observa-se que o conjunto das metrópoles sofreu redução da massa salarial, no período de

1996 a 2004, na ordem de 7,4%. Essa redução no total das metrópoles foi decorrente do crescimento negativo das metrópoles de Belém, Belo Horizonte, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Esta última metrópole, apesar de ter registrado queda de 15,3%, teve redução relativamente pequena na participação do conjunto das metrópoles, passando de 47,7% para 43,6%, no mesmo período. Belo Horizonte e Fortaleza, não obstante a redução na variação percentual de 1996 a 2004, tiveram aumento na participação do conjunto das metrópoles, mesmo que tenha sido pequeno.

Tabela 2 - Participação das regiões metropolitanas no conjunto das metrópoles brasileiras¹ segundo a massa salarial e variação relativa 1996, 2000 e 2004

Região Metropolitana	Ano			Variação (%) 2004/1996
	1996	2000	2004	
Belém	1,0	1,0	1,0	-9,8
Belo Horizonte	6,2	6,1	6,7	-0,9
Brasília ²	2,5	2,7	3,2	20,9
Campinas	4,5	5,1	5,5	13,3
Curitiba	4,5	5,0	5,1	3,7
Florianópolis	0,9	1,0	1,1	16,2
Fortaleza	1,7	1,7	1,8	-3,4
Goiânia	1,3	1,4	1,5	12,4
Manaus	1,3	1,4	1,7	24,8
Porto Alegre	5,9	5,8	6,1	-3,4
Recife	2,6	2,6	2,5	-13,0
Rio de Janeiro	15,5	14,9	15,2	-9,4
Salvador	3,1	3,0	3,4	2,6
São Paulo	47,7	46,9	43,6	-15,3
Vitória	1,4	1,4	1,7	9,7
Total	100,0	100,0	100,0	-7,4

(¹) São as aglomerações urbanas com funções metropolitanas.

(²) Compreende a Região de Desenvolvimento Integrado do Distrito Federal (RIDE).

Fonte: Organizado pelo Observatório das Metrópoles. IBGE, Cempre 1996, 2000 e 2004.

Além disso, observa-se que as outras metrópoles tiveram crescimento positivo no mesmo período. Nestas, destacam-se o crescimento de Manaus (24,8%) e de Brasília (20,9%), apesar de esse crescimento ter possibilitado o aumento da participação da primeira de apenas 0,4% do conjunto das metrópoles. Brasília con-

seguiu aumentar sua participação 0,7%, passando de 2,5%, em 1996, para 3,2%, em 2004. O maior destaque em termos de aumento na participação do conjunto das metrópoles é de Campinas que, com variação de 13,3% entre 1996 e 2004, passou de 4,5% para 5,5%, no mesmo intervalo temporal.

Tabela 3 – Participação das atividades econômicas¹ no conjunto das metrópoles brasileiras²

Setor de atividade econômica	Ano		
	1996	2000	2004
<i>Indústria</i>	39,9	36,1	38,7
Duráveis	7,2	6,0	6,1
Tradicional	19,4	18,1	18,0
Progresso técnico	5,9	5,6	6,1
Commodities	7,4	6,4	8,5
<i>Serviços</i>	35,3	38,8	36,9
Limpeza urbana e esgoto	0,8	0,6	0,7
Financeiros, aluguéis e agrícolas	2,1	2,1	1,7
Transporte e distribuição	10,2	9,5	8,8
Prestados às empresas	16,2	19,8	19,8
Prestados às famílias	5,9	6,8	5,8
<i>Construção civil</i>	6,9	6,0	5,9
Aluguel de equipamentos de construção e demolição com operários	0,0	0,0	0,1
Obras de acabamento	0,4	0,5	0,3
Obras de infraestrutura para energia elétrica e para telecomunicações	0,3	0,9	0,6
Obras de instalações	0,6	0,7	0,7
Preparação do terreno	0,4	0,3	0,3
Construção de edifícios e obras de engenharia civil	5,2	3,7	4,0
<i>Comércio</i>	17,9	19,0	18,6
Comércio atacado	4,9	5,0	5,4
Comércio varejo	9,2	10,2	10,0
Comércio transporte	2,5	2,4	2,0
Comércio combustível	0,7	0,8	0,7
Representantes	0,4	0,4	0,4
Outros	0,2	0,2	0,2
Total	100,0	100,0	100,0

(¹) Refere-se à massa salarial.

(²) São as aglomerações urbanas com funções metropolitanas: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Fonte: Organizado pelo Observatório das Metrópoles. IBGE, cadastro Cempre.

Diante da análise entre as metrópoles, observa-se, na Tabela 3, a participação das atividades econômicas no conjunto das metrópoles brasileiras. A indústria apresentou redução na participação entre 1996 e 2000, mas apresentou recuperação no ano de 2004, apesar de não ter sido suficiente para atingir o mesmo patamar de 1996. Nesse setor, constata-se que os ramos de atividade econômica indústria de bens duráveis e indústria de bens tradicionais apresentaram queda, entre 1996 e 2004, e os ramos de atividade denominados indústria de difusão de progresso técnico e indústria de commodities registraram crescimento, embora com oscilação para baixo no ano de 2000.

O setor de serviços apresentou crescimento na participação do conjunto das metrópoles entre 1996 e 2004, apesar de neste último ano ter atingido um patamar inferior ao registrado em 2000. O único ramo de atividade econômica que alcançou crescimento no período de 1996 a 2004 na participação no conjunto das metrópoles foi o de serviços prestados às empresas. Todos os demais de ramos de atividades tiveram participação reduzida nesse período, o que demonstra o quanto aquele ramo de atividade econômica foi responsável pelo aumento no setor de serviços.

O setor de construção civil teve redução na participação econômica no conjunto das metrópoles, passando de 6,9%, em 1996, para 5,9%, em 2000. Essa redução foi decorrente, sobretudo, do crescimento negativo do sub-setor construção de edifícios e obras de construção civil.

Apesar da oscilação, o setor de comércio apresentou crescimento na participação econômica no conjunto das metrópoles entre os anos de 1996 e 2004. Colaboraram para isso,

principalmente, os ramos de atividade do comércio atacado e comércio varejo, que são os principais componentes desse setor de atividade econômica.

Observamos, mais uma vez, que, embora tenha havido redução na participação das metrópoles brasileiras na economia nacional e crescimento no conjunto das mesmas, no período de 1996 a 2004, quando se analisam os ramos de atividade que exige maior desempenho tecnológico, as metrópoles ganharam importância, tanto no que se refere aos ramos industriais que sofreram primeiramente os impactos das transformações tecnológicas quanto nos serviços que passaram a ter conotação maior na medida em que várias etapas do processo produtivo, que antes se concentravam na indústria, foram transferidas para este setor.

Assim, fica claro que o debate acerca da territorialidade das mudanças econômicas no Brasil não pode desconsiderar a centralidade desempenhada pelas metrópoles, que continuam sendo lócus da concentração econômica do país, embora tenha ocorrido uma relativa diversificação das atividades econômicas existentes no seu interior.

Definição de uma tipologia econômica das metrópoles brasileiras

Para compreensão da organização das metrópoles brasileiras segundo os ramos de atividade econômica, foi realizada análise fatorial por correspondência binária, um procedimento estatístico capaz de resumir dados multivariados segundo os principais aspectos diferenciadores

e que demarcam da melhor forma a distribuição das variáveis (atividades econômicas) na relação com as metrópoles. A partir dos princípios de organização das metrópoles observados na análise fatorial, foi realizado outro procedimento estatístico para agrupamento das metrópoles, chamado de análise de cluster.

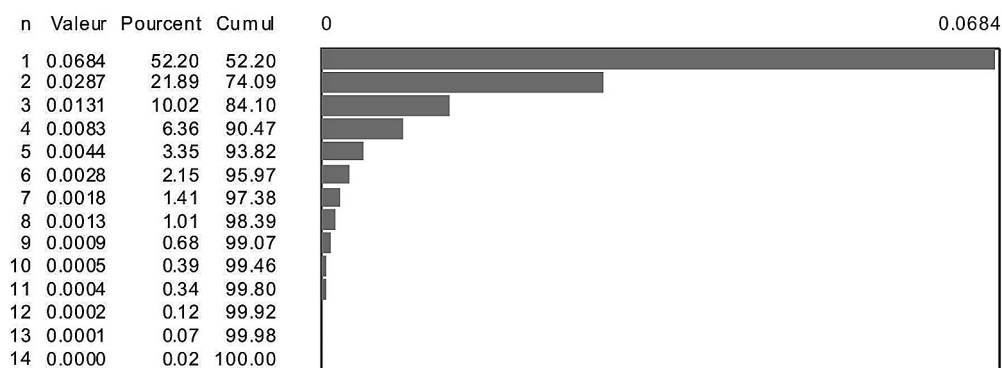
Análise fatorial

Na análise fatorial por correspondência binária, a interpretação dos resultados precisa ser vista de forma relativa, na medida em que o posicionamento de cada metrópole se refere ao conteúdo que carrega das atividades econômicas em relação às demais metrópoles. Nesse sentido, não se pode considerar sua posição de forma substantiva, porque cada metrópole é sempre definida numa análise de conjunto.

Observa-se na análise fatorial que dois eixos são responsáveis pela explicação de 74,1% da variância dos fatores, que diz respeito ao modo como as metrópoles se distribuem segundo as atividades econômicas, sendo que o primeiro eixo corresponde a 52,2% e o segundo a 21,9%, conforme Gráfico 1. Entender o que significa cada um desses eixos é importante para a compreensão dos princípios de organização econômica das metrópoles brasileiras, tendo em vista que se acredita que esse percentual de explicação é muito robusto estatisticamente.

O primeiro fator (eixo) expressa a oposição entre as categorias industriais de bens duráveis, bens tradicionais e bens difusores de progresso técnico, de um lado, e categorias de setores econômicos diversos, por outro lado, tais como *commodities*, prestação de serviço às empresas e construção de edifícios e obras

Gráfico 1 – Distribuição percentual da variância dos fatores



Variance totale = 0.13

Diversidade produtiva das metrópoles

A análise de cluster efetuada neste trabalho foi definida com base nos princípios de organização das metrópoles segundo as atividades econômicas. Esses princípios são condizentes com a definição dos fatores (eixos) considerados na análise fatorial por correspondência binária.

O procedimento executado considerou a dispersão entre as metrópoles de um mesmo grupo, que precisa ser baixa, e a dispersão entre os grupos formados, que precisa ser alta. Assim, a partir de uma variância intraclasse de 18,5% e da variância interclasse de 81,5%, foram formados quatro grupos de metrópoles, conforme o Quadro e o Mapa 1.

A caracterização de cada grupo corresponde às atividades que o diferencia em relação aos demais grupos e ao conjunto das metrópoles. Nesse sentido, o primeiro grupo, composto por seis regiões metropolitanas, caracteriza-se pelas atividades de transporte e distribuição e prestação de serviços às empresas. Embora sejam atividades do setor de serviços, elas possuem a característica de serem atividades complementares da atividade produtiva. Esse grupo também possui a segunda maior composição nas atividades industriais de bens tradicionais, comparativamente aos outros grupos.

O setor de atividade econômica de maior participação no grupo 1, conforme a Tabela 4, é Serviços, com 43,6%. Nesse setor, destacam-se Prestação de serviços às empresas (21,4%), Transporte e distribuição (11,3%) e Prestação

de serviços às famílias (8%). O setor de serviços é acompanhado pela Indústria (27,9%), que tem como destaque as indústrias de bens tradicionais (14,6%) e *commodities* (9,6%). O setor de comércio participa com 21,6% e, nesse setor, destacam-se o comércio varejista (12,4%) e o comércio atacadista (5,9%). O setor de construção civil corresponde apenas a 6,9%, em que a principal atividade é construção de edifícios e obras de engenharia civil (4,5%).

O segundo grupo se define principalmente pelas atividades de prestação de serviços às empresas, prestação de serviços às famílias e finanças, aluguéis e agrícola. Estas são atividades essencialmente do setor de serviços, e é isso que caracteriza a metrópole contida nesse grupo, que é a região de desenvolvimento integrado do Distrito Federal (RIDE). Como se trata da capital do país, as atividades de serviços são diferenciadoras em relação às outras metrópoles e ao conjunto das mesmas.

O setor de serviços é o setor de maior composição do grupo 2, como pode ser observado na Tabela 3, com participação de 59,7%. O setor de comércio aparece como o segundo setor de maior composição nesse grupo, com 22,8%, mas essa participação é relativamente comum a todos outros grupos. As atividades que se destacam nesse grupo são: comércio varejista e comércio atacadista. A construção civil participa com 8,8% das atividades econômicas do grupo 2 e a indústria com 8,7%. Nesta última, o único destaque é para indústria produtora de bens tradicionais (5,5%).

Quadro 1 – Classificação econômica das metrópoles brasileiras

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Belém Florianópolis Fortaleza Goiânia Recife Rio de Janeiro	Brasília	Salvador Vitória	Belo Horizonte Campinas Curitiba Manaus Porto Alegre São Paulo

Mapa 1 – Tipologia econômica das metrópoles brasileiras

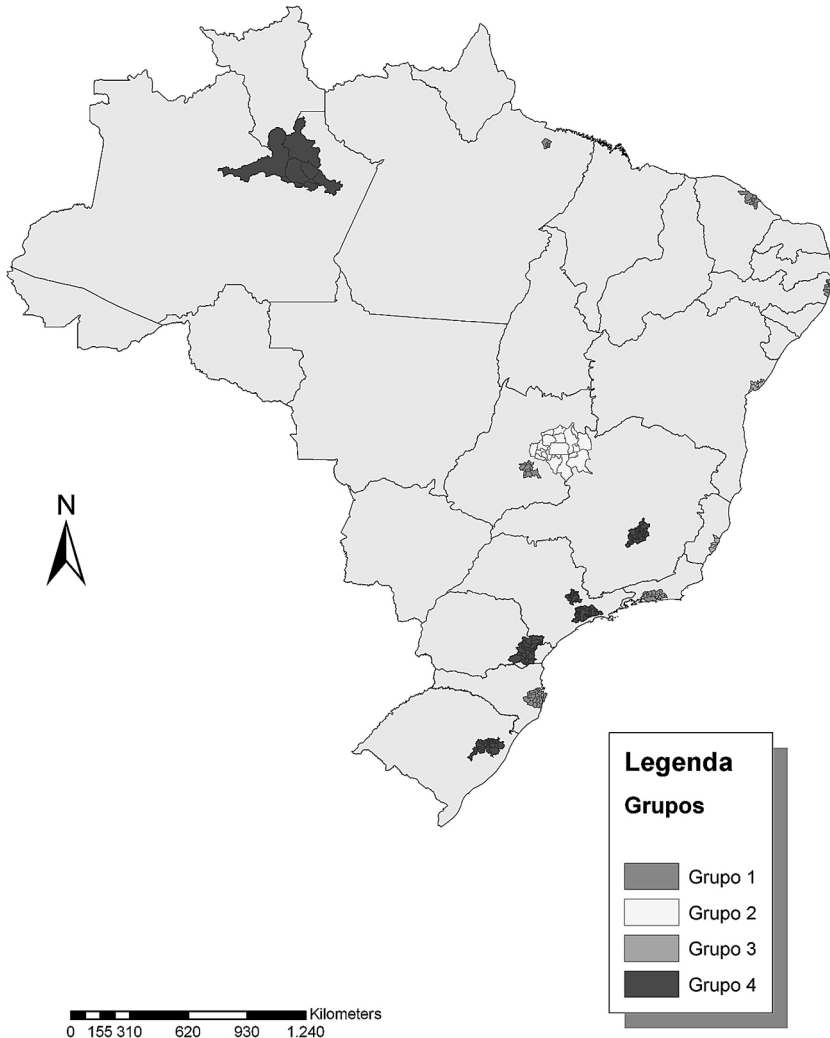


Tabela 4 – Perfil dos grupos segundo as atividades econômicas – 2004

Atividades econômicas	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
<i>Indústria</i>	27,9	8,7	34,8	43,9	38,7
Bens duráveis	0,8	0,3	1,9	8,4	6,1
Difusora de progresso técnico	2,9	0,8	1,5	7,7	6,1
Bens tradicionais	14,6	5,5	9,9	20,4	18,0
<i>Commodities</i>	9,6	2,1	21,5	7,5	8,5
<i>Serviços</i>	43,6	59,7	36,1	33,7	36,9
Limpeza urbana e esgoto	1,3	2,2	1,3	0,4	0,7
Financeiros, aluguéis e agrícolas	1,6	6,5	0,9	1,6	1,7
Transporte e distribuição	11,3	3,0	11,8	8,1	8,8
Prestados às empresas	21,4	39,6	16,5	18,6	19,8
Prestados às famílias	8,0	8,3	5,6	4,9	5,8
<i>Construção civil</i>	6,9	8,8	10,0	5,1	5,9
Aluguel de equipamentos de construção e demolição c/ operários	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1
Obras de infraestrutura p/ energia elétrica e p/ telecomunicações	0,8	0,7	0,2	0,5	0,6
Preparação do terreno	0,3	0,1	0,5	0,3	0,3
Obras de acabamento	0,3	0,2	0,5	0,3	0,3
Obras de instalações	0,9	0,8	1,0	0,6	0,7
Construção de edifícios e obras de engenharia civil	4,5	6,9	7,7	3,4	4,0
<i>Comércio</i>	21,6	22,8	19,1	17,3	18,6
Comércio atacado	5,9	4,6	4,5	5,3	5,4
Comércio varejo	12,4	13,0	11,2	8,9	10,0
Comércio transporte	2,0	3,2	2,2	2,0	2,0
Comércio combustível	0,7	1,5	0,8	0,6	0,7
Representantes	0,4	0,2	0,2	0,4	0,4
Outros	0,2	0,2	0,1	0,1	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Organizado pelo Observatório das Metrôpoles. IBGE, cadastro Cempre.

A atividade definidora do terceiro grupo é, principalmente, *commodities*, cuja participação no conjunto das atividades econômicas corresponde a 21,5%. Nos outros grupos, a participação dessa atividade não ultrapassa 7,5%, o que demonstra sua importância para a composição do grupo 3.

Embora as *commodities* sejam a atividade econômica diferenciadora do terceiro grupo,

o setor industrial não chega a ser o setor de maior composição, pois participa com 34,8% contra a participação do setor de serviços, que corresponde a 36,1%, como se vê na Tabela 4. Neste último setor, destacam-se as atividades de prestação de serviços às empresas (16,5%) e transporte e distribuição (11,8%). O setor de comércio tem participação de 19,1% e as atividades mais significativas são comércio varejista

(11,2%) e comércio atacadista (4,5%). O setor de construção civil, não obstante ser o setor de menor composição do grupo 2, possui a maior participação nesse grupo ao comparar com os demais grupos, atingindo 10% da participação.

O quarto grupo se caracteriza pelas atividades industriais, tanto relativas à produção de bens tradicionais e bens duráveis, como referente à produção de bens difusores de progresso técnico. À exceção de Manaus, todas as metrópoles que fazem parte desse grupo estão nas regiões Sul e Sudeste do país, onde se tem concentrado parte significativa da indústria brasileira, principalmente a partir do processo de desconcentração econômica da área metropolitana de São Paulo (Diniz, 1993; Diniz e Crocco, 1996).

O setor de atividade de maior composição é também o industrial, com 43,9%. Os destaques são principalmente as atividades industriais produtoras de bens tradicionais (20,4%), indústrias produtoras de bens duráveis (8,4%) e bens difusores de progresso técnico (7,7%). Nestas duas últimas atividades, a participação nesse grupo é aproximadamente três vezes mais a participação que essas atividades têm nos outros grupos.

O setor de serviços aparece como a segunda maior composição (33,7%). Neste setor, destacam-se as atividades de prestação de serviços às empresas (18,6%) e transporte e distribuição (8,1%). O setor de comércio é o que possui a menor composição em relação aos outros grupos, com 17,3%. O mesmo ocorre com o setor de construção civil, que aparece com 5,1%.

Desse agrupamento formado, observa-se que mesmo entre as metrópoles brasileiras as atividades industriais estão concentradas numa

porção do território nacional, que corresponde ao polígono definido por Diniz (1993). As outras metrópoles se baseiam, principalmente, em atividades de serviços ou são subsidiárias do setor industrial.

Conclusão

Este trabalho procurou analisar o peso das atividades econômicas das metrópoles brasileiras na economia nacional, na perspectiva de contribuir para o debate realizado na contemporaneidade acerca da desconcentração e/ou reconcentração econômica. Nesse sentido, foi possível chegar a algumas conclusões, mesmo que preliminares, que podem ser resumidas da seguinte forma:

- 1) Há perda na participação das atividades econômicas nas metrópoles, principalmente nos ramos de atividade que se haviam consolidado até a década de 1970 no país, sobretudo em São Paulo;
- 2) Em atividades decorrentes de progresso técnico, a tendência verificada é a de que as metrópoles tendem a concentrá-las, pois há registro de aumento na participação das metrópoles no conjunto da economia nacional;
- 3) Embora as tendências acima estejam se verificando para o conjunto das metrópoles, não se pode considerá-las da mesma forma. Comportamentos diferentes têm sido observado entre elas, enquanto algumas metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro apresentam queda na variação temporal da participação econômica do seu conjunto, outras como Manaus, Brasília e Campinas possuem resultados completamente inversos.

Em função das diferenças existentes entre as metrópoles, foi construída uma tipologia econômica em que se formaram quatro grupos. Os grupos 1 e 2 possuem forte presença das atividades de serviços, o que os diferencia dos demais. Os grupos 3 e 4, pelo contrário, se caracterizam, principalmente, pela presença das atividades industriais. O grupo 3 é marcado mais pela presença das *commodities*, enquanto o grupo 4 destaca-se pela presença das indústrias de bens tradicionais, indústrias de bens duráveis e indústrias difusoras de progresso técnico.

As metrópoles que fazem parte do quarto grupo, à exceção de Manaus, estão localizadas no polígono econômico definido por Diniz (1993) e Diniz e Crocco (1996), o que sugere que as atividades econômicas continuam centralizadas nessa porção do território do país. E mais que isso, que essas metrópoles continuam exercendo centralidade na economia nacional. As tendências observadas neste trabalho são uma constatação, contudo, precisam ser melhor aprofundadas sob a utilização de outros dados econômicos.

Luiz César de Queiroz Ribeiro

Sociólogo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
cesar@ippur.ufrj.br

Marcelo Gomes Ribeiro

Economista e Sociólogo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
marceloesmeraldino@gmail.com

Nota

(1) Refere-se à Região de Desenvolvimento Integrada do Distrito Federal (RIDE).

Referências

- CANO, W. (1998). *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1995*. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp.
- DAVIDOVICH, F. (2004). "A 'volta da metrópole' no Brasil: referências para a gestão territorial". In: RIBEIRO, L. C. Q. (org.). *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. São Paulo/Rio de Janeiro, Fundação Perseu Abramo/FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional.
- DINIZ, C. C. (1993). Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização. *Revista Nova Economia*, v. 3, n. 1, pp. 35-64.
- DINIZ, C. C. e CROCCO, M. A. (1996). Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. *Nova Economia*. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, pp. 77-103.
- DINIZ, C. C. e DINIZ, B. C. (2007). A região metropolitana de São Paulo: reestruturação, reespecialização e novas funções. *EURE*. Santiago, v. XXXIII, pp. 27-43.
- FERRAZ, J. C. et al. (1996). *Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria*. Rio de Janeiro, Campus.
- OBSERVATÓRIO das Metrôpoles (2005). *Análise das Regiões Metropolitanas do Brasil. Relatório da Atividade 1: identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias*. Rio de Janeiro, Observatório das Metrôpoles. Disponível em: www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br. Acesso em: 22 de julho de 2008.

Texto recebido em 16/nov/2009

Texto aprovado em 21/mar/2010

